

Associação de Mulheres Pescadoras e Trabalhadoras Rurais da Ilha de Itacoãzinho,
Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – ASMAMI



Nova cartografia social da Amazônia

21

Movimento das Peconheiras
e Peconheiros
da Ilha de Itacoãzinho,
Igarapé Caixão e
Igarapé Genipaúba
Baixo Acará

Pará





Senhor Ládio debulhando açai na ilha de Itacoãzinho



Senhora Alcione no ato de debulhar açai, Ilha de Itacoãzinho

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 21

Movimento das Peconheiras e Peconheiros da Ilha de Itacoãzinho,
Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará

Belém, setembro 2007
ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM-CNPQ-FAPEAM)

Equipe de pesquisa

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ-NAEA/UFPA)
Rosiane Martins (UNAMAZ)
Eliana Teles (SEDUC)
Raimunda Campos (IAGUA)
Maria Sueli das Mercês (ASMAMI)
Bruno Malheiro (NAEA/UFPA)
Cleonice de Macedo (CSE/UFPA/IAGUA)
Marcos Lima (SEDUC/ESAMAZ)

Fotografia

Rosiane Martins – UNAMAZ
Marcos Lima – ESAMAZ

Associação de Mulheres Pescadoras e Trabalhadoras Rurais da Ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – ASMAMI

Presidente Maria Sueli das Mercês

Vice-presidente Deize Lima dos Santos

Secretaria Nazaré do Socorro Moraes Trindade

Diretora de Cultura Simone de Nazaré Carvalho

Diretora de Patrimônio Maria do Socorro Barbosa Carvalho

Tesoureira Zenilde dos Santos

Fiscal Lucileia Lima dos Santos

Data de fundação 3 junho 2007

Detalhe da capa foto de Dona Maria Maciel Pantoja parteira da Ilha de Itacoãzinho. Ela e Dona Mimi, também parteira, são honradas no nome da Associação das trabalhadoras rurais, pescadoras da Ilha Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – ASMAMI

Cartografia e mapas

Eliana Teles – SEDUC
Marcos Lima – ESAMAZ
Rodrigo Lopes – IAGUA

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8
www.designcasa8.com.br



Participantes da oficina realizada pela ASMAMI na Escola Nossa Senhora da Conceição, ilha de Itacoãzinho. 8 julho 2007

O que é ser peconheira e peconheiro?

“A maioria do que eu conheço aqui, que nós vive aqui, todos nós trabalhamos com rasa, né! Então como é que o nosso açai... Agora uma coisa explicativa: as nossas rasas que nós apanhamos o nosso açai, que nós vivemos todos esses anos e nunca nenhum de nós morreu e os nossos filhos nunca morreram com doença através disso. Porque só agora saiu isso. Essa gente, eles não tão podendo vender as basquetas deles e querem colocar pra tirar as rasas; pra que o povo compre as basquetas dele; pra que eles tenham mais lucro do que os pobres. Porque nós somos menores lá eles são maiores que a gente. Então é sobre isso que eles que são maiores não entendem que o povo precisa sobreviver. A rasa é o meio de sobrevivência de nós o povo, assim como tem o açai. E chega à época que não tem o açai, aí nós sobrevivemos da rasa”.

Rosilene Conceição, Igarapé Genipaúba

“O movimento das peconheiras (os) da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba surgiu através de uma grande problemática em que fomos chamados até o Ministério Público para assinarmos uma lei de certificação. Diziam eles, o promotor e o secretário, que o nosso açai estava contaminado e um dos motivos era as rasas que teriam que ser substituídas por basquetas de plástico. Fiz o questionamento que nós não podíamos concordar com este absurdo, primeiro o açai é apanhado das arvores no meio da mata central e também alagado, quando nós trazemos três rasas temos que trazer logo para a beira do rio porque não há condições de darmos muitas viagens senão o açai fica molhado e estraga. A outra questão é que no inverno quando a maré dá de lançante... a maré dá em cima da terra nos meses de janeiro, fevereiro, março, abril; a maré “lava praia” de maio e em setembro uma maré bem grande, entra na terra”.

“E a questão mais séria ainda que nós do movimento das peconheiras também somos o fator principal do meio ambiente e com a troca das rasas pelas basquetas nós vamos morrer de tanto peso que vamos carregar no ombro. É tão falando a questão do meio ambiente e as basquetas demoram quatrocentos anos para se decompor e contaminam o meio ambiente e as rasas além de ser uma cultura milenar serve de adubo; é quinze dias para se decom-



Senhora Maria Sueli das Mercês, Igarapé Caixão



Senhora Alzira, a filha Maria do Socorro e o neto, navegam pelo Igarapé Furinho na canoa



Senhora Alcione conduz a rasa carregada de açaí

usar a basqueta. O trabalho de fazer a rasa é o meio de vida de muitas famílias que o perderam com a imposição da basqueta. Até pra proteger o açaí, porque é o seguinte: a basqueta... Veja bem vou fazer uma diferença: aqui, por exemplo, uma caixa dessas aqui, ela aberta, do teto pode cair uma imundice dentro. Numa rasa de açaí não. A gente pega uma basqueta e não vai amarrar a cara dela botar, por exemplo, botar uma folha uma tala e amarrar ela. A rasa você pode amarrar a boca dela, bem amarradinho chega lá na feira. A gente coloca lá na feira rápido. Eu venho pra feira quase todo dia. Na rasa não se vê o rato, na luz do dia no meio do dia, no meio da gente o rato. A gente procura trabalhar com o açaí limpo, bem limpinho. Na basqueta de açaí, na basqueta ele vai ser totalmente poluído porque se a gente procura trabalhar com o açaí limpo, bem limpinho já tá o açaí bem tratado. Quer dizer na basqueta ele pode... O coco do rato e até mesmo o rato. Ele vai passar água morna mas de qualquer maneira ele não vai cortar aquela bactéria. Quem sofre é a população que vai tomar, com a licença da palavra, um açaí porco, imundo. O nosso açaí na rasa não. É um açaí limpo. Nós que trabalhamos com guarumã fazendo rasas, paneiros, abanos, tudo isso é nosso meio de sobrevivência. Gostamos e estamos satisfeitas com o nosso trabalho honesto.” **Rosilene da Conceição, Igarapé Genipaúba**

Mulheres peconheiras e condição de uso das terras em que trabalham

“Nossos avós e bisavós eram escravizados, trocando a seringa por alimentos e outros produtos. Eles não recebiam dinheiro. Na fazenda tinham marcas de sangue que os escravos apanhavam até morrer e serem jogados no sumidouro que tinha na fazenda de grandes extensões de terra: o engenho de cana”. **Maria Sueli das Mercês, Igarapé Caixão**

“(…) E o arrendamento, que tinha uma regra (...) Henrique e Idalvino Miranda Pamplona, João, Luis e dona Maria Tereza arrendavam os terrenos e faziam as casas só cobertas de cavaco e de palha. Ai de quem mudasse o modelo. Era proibido!” **Dona Alzira, Igarapé Furinho**

“Um dos primeiros encarregados foi o tio Abel que depois não deu conta de ver tanto mau trato dos escravos e das pessoas que pagavam os aluguéis e passou o cargo para seu filho Artur que



Senhora Maria Urbana, uma das mais antigas artesãs do guarumã, mostra o ofício de tecer a rasa

48°30'0"W

Belém

Porto

Movimento das Peconheiras e Peconheiros da Ilha de Itacoazinho, Igarapés Caixão e Genipaúba

-  Mata Ciliar
-  Árvores de Terra Firme
-  UFPA
-  Posto Policial
-  Rios, Furos e Igarapés
-  Paxiúba
-  Murumuru
-  Buritizeiro
-  Açaizeiro
-  Cacaueiro
-  Guarumã
-  Roça
-  Casa de Farinha
-  Sítio Arqueológico
-  Cemitério
-  Igreja
-  Matapi
-  Escola e ASMAMI
-  Posto de Saúde
-  Posto de Venda de Gasolina
-  Cerca para tapar Igarapê
-  Produção de Rasas
-  Loja de roupa usada
-  Casa de Festas
- Casa dos Moradores Locais
- Localidade

Escala 1:50.000



Fonte: SIPAM, 2007
Adaptação: IAGUA, 2007

1°30'0"S

Baía do Guajará

Ig. Maracujazinho

Ilha do Mara

Ilha Jussara

Furo do Maracujá

Furinho

Ilha Itacoazinho

Ig. Caixão

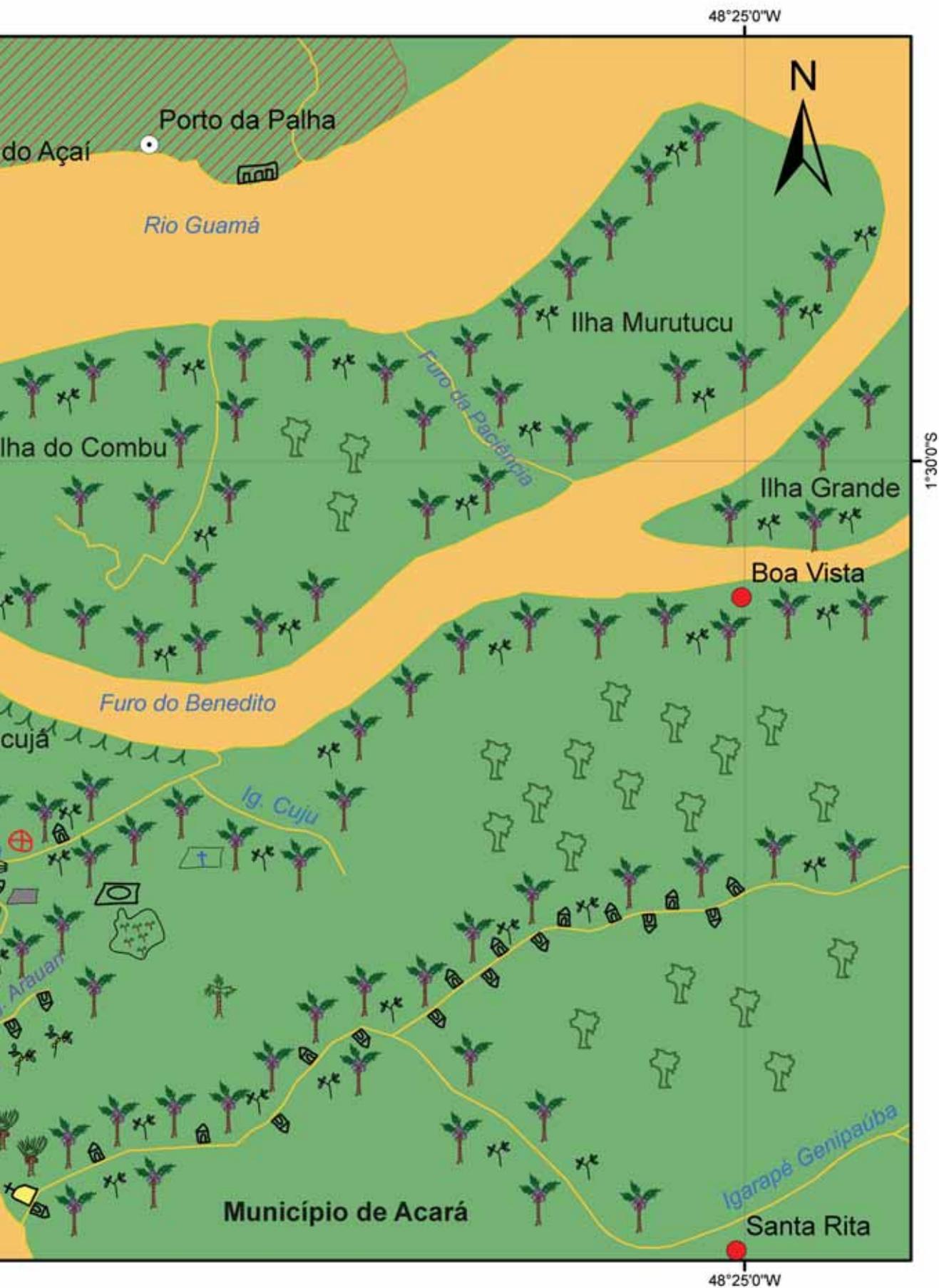
Ilha do Papagaio

Porto Arapari

PA151

Rio Acará

48°30'0"W





Senhora Rosilene da Conceição,
Igarapé Genipaúba.



Senhor Augusto,
Igarapé Caixão



Senhora Rosana dos Santos,
Igarapé Furinho



Senhor Paulo Maciel Pantoja,
margem do rio Acará

Porque nós temos na mente esse mapa. Nós sabemos o que queremos!

“Aqui nós vemos uma escola, a qual nós estamos. Aqui tem um igarapé, a qual nós podemos ver, as residências, as residências das pessoas, as que estão atrás do igarapé, na terra firme. Aqui é o igarapé Caixão. Aqui nós temos as demais casas, os igarapés. Isso daqui é um decorrer que vai dar segmento aonde as casas estão; é um igarapé, as curvas como tem que nós podemos ver a calha. Aqui é um local onde foi um local de escravidão muito tempo, né? Aqui só sobre as casas, residências, nós podemos ver os outros igarapés, como fica por traz, os outros igarapés. Aqui nós não vemos uma escola que tá com a ponte quebrada; um colégio grande! Aqui nós não vemos aqui um posto; aqui nós não vemos! Aqui uma outra cobertura, uma delegacia, um colégio grande sobre, da quinta a oitava série; aqui nós não vemos! Vejamos esse tipo de coisa. Nós vemos só residência; vejamos aqui os nossos plantios onde tá colocado só os plantios, coisa que nós mesmos fizemos; todos aqueles que são pai de família e os jovens que também começam a trabalhar também para adquirir ...Nós podemos ver nisso que nós estamos parados! Estamos parados aqui, enquanto tem condições de nós estarmos mais avançados, tão próximo de Belém!” **Senhor Augusto**, Igarapé Caixão

“Aqui é o Igarapé Genipaúba, aqui estão as áreas de casa e aqui estão os nossos pedidos: precisamos de escolas que eduquem; primeiro e segundo grau; precisamos de uma delegacia com vários policiais”. **Rosilene Conceição**

“Fizemos de Belém até aqui o rio Acará (...), representamos aqui a Ilha do Combu, o furo do Benedito, ilha do Papagaio. Aqui o Maracujzinho antes de chegar no Maracujá, (...) que tem o Furinho, antes de chegar no Furinho, tem a Calha onde chama a ruína das escravaturas lá, dos escravos onde está acontecendo essa obre irregular, né!. As casas que compõe o nosso grupo. Aqui é a casa da dona Alzira que mora lá, da Zenilde, casa da Socorro lá, a casa da Dione, da Simone, a minha casa que fica pra cá assim. Aqui também temos aqui que corta o Igarapé Caixão (...) Daí o que nós também queremos também falar é que nós precisamos de uma delegacia. Coisa que a gente não tem aqui e as vezes sai muitos assaltos aí na beira. Coisa de pirata (...) temos posto de saúde só pra enfeite, mas não tem medicamento, não tem um médico (...). O que nos precisamos aqui é de muitas coisas, segurança, saúde que temos muito direito a isso”. **Rosana dos Santos**

“Porque eu tou revoltado, vai fazer dois meses, muito revoltado que entraram dentro da minha casa levaram um motor de dezoito nosso, levaram alguns pertences de pobre, mas de qualquer maneira como a gente luta pra adquirir aquilo que a gente precisa, nós morador daqui da região, da margem do

Acará, né, então o que eu tava falando pra ela aqui, que o que eu quero mais é que a educação a saúde é bom, mas tem que ter a segurança porque nós tamo numa situação que até nem dormir direito a gente não pode dormir, se alguém compra, dessas pessoas que estão aqui, compra um casco, compra um motor, luta pra comprar uma embarcação, luta pra comprar um motor, luta pra comprar um casco, quer dizer nós não podemos nem ter um objeto nem dentro de casa pro nosso uso, por exemplo uma televisão, ah vamo comprar uma televisão pra mim, pra ter dentro de casa, nós temos medo do ladrão “. Paulo Maciel – margem do rio Acará

Documento encaminhado ao IPHAN informando sobre a situação das Ruínas dos Escravos:

“Cento e vinte famílias moradoras da ilha Itacoãzinho, baixo Acará, Município do Acará, Estado do Pará, solicitam providências do Instituto de Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN – Superintendência PA/AP para que seja detido o crime ambiental e arqueológico representado pela construção de uma obra sobre a estrutura arqueológica, que corresponde a uma antiga Calha do Engenho. Essa destruição começou em maio de 2007.

Os moradores denominam este vestígio de “ruínas dos escravos”, pois foram construídos por seus antepassados e este data do século XVIII. O engenho Itacuã, ou Santos Reis, pertenceu a Gaspar de Siqueira e Queirós e passou por vários proprietários. Em 1994 foi feito o registro no estudo arqueológico realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG. O Dr. Fernando Marques, arqueólogo do MPEG, desenvolveu o projeto “Engenhos Movidos a Maré” e informa que na memória local calhas e barragem são representadas como o “lugar de sumidouro onde muitos escravos morreram” e essa compreensão era sinal de respeito, o que tornou essas estruturas preservadas.

Representantes da ASMAMI – Associação de trabalhadoras rurais, pescadoras da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba protestam pela ação de destruição encabeçada por Fernando Lima, Alexandre Capucho Lima e Maria Tereza Lima. Os Lima mantiveram esse grupo de trabalhadores (extratores de borracha e posteriormente de açaí) como “inquilinos” das terras, cobrando renda até o ano 2000, quando os trabalhadores se recusaram a continuar realizando pagamento de renda. Várias famílias detêm recibos de 1920 até mais recentes.

(...) Trata-se de povos e comunidades tradicionais amparadas pelo Decreto Nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 que no princípio XIV estabelece “a preservação dos direitos culturais, o exercício de práticas comunitárias, a memória cultural e a identidade racial e étnica”.

Ofício UNAMAZ de 23 de junho de 2007

Demandas

- Documentação que prove que a terra é nossa
- Queremos assegurar a existência e uso das rasas no transporte do açaí. Ela é meio de vida de mulheres e homens que trabalham no guarumá
- Precisamos de escolas que eduquem, de primeiro e segundo graus
- Queremos médico para fazer atendimento e posto de saúde com medicamento
- Queremos que não aconteça obra irregular como está acontecendo com a ruína dos escravos
- Precisamos de uma delegacia com vários policiais



Embargo da obra emitido pelo IPHAN Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Documento do ITERPA informando a não existência de registro em nome dos Lima



Ruína dos escravos com marcas da intervenção

CONTATO

ASMAMI – Associação de Mulheres Pescadoras e Trabalhadoras Rurais da Ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipauá
 Itacoãzinho – Baixo Acará, Pará
 www.asmami.igarte@hotmail.com

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford/ PPGSCA/ UFAM)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açu, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas



REALIZAÇÃO

Associação das trabalhadoras rurais, pescadoras da Ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – ASMAMI

APOIO

